

**OLIVEIRA**

Eduardo Henrique Freitas Braga  
Mestre em Geografia (PPGGEOG/UFAM)  
Membro do Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional (NPUR)  
Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia Brasileira (Nepecab)  
[eduardohfreitasbraga@gmail.com](mailto:eduardohfreitasbraga@gmail.com)

Não falarei sobre sua partida. Acredito que o momento a ser eternizado em nossas lembranças sejam os momentos de presença. E sua presença precisa ou não de um corpo físico, matéria.

José Aldemir de Oliveira; Zé Aldemir; Aldemir... professor. De qualquer forma que viermos a chamá-lo, a imagem é sempre a mesma. Óculos, sandália aberta nos pés, camisas confortáveis e uma particular ternura misturada a uma imponência na voz. Frases que começavam altas e terminavam calmas, brandas, como se quisessem marcar o que estava sendo dito. E marcou. Poucos são os que conseguem ser sinônimo de algo grandioso como a Amazônia, e professor Aldemir o conseguiu. Falava das cidades e dos lugares de sua terra como quem falava do amor de sua vida, apaixonado, preocupado em cada detalhe e tratando com respeito tudo o que a constituía.

Falava do contraditório e do singular. Do lugar e do mundo. Falava do espaço, como quem fala das pessoas. Falava da pesquisa, como quem conta uma história, ou recita uma poesia.

Nas leituras de seus textos, o OLIVEIRA das normas de citação era sinônimo de José Aldemir, não esperávamos mais ninguém adiante, apenas ele. Sua imagem era a imagem do mundo que procurava entender, e que tanto nos ajudou a também desvendá-lo.

Seu sobrenome – Oliveira – curiosamente remete à cidade. A criação da oliveira foi atribuída à Deusa Atena. Segundo a lenda, o rei Cecrops precisava escolher qual seria divindade patrona da cidade que acabara de fundar. Os dois deuses particularmente interessados eram Poseidon e Atena. Ambos se apresentaram diante do rei que lhes pediu um presente que fosse de grande valor para a cidade. Poseidon se adiantou e bateu vigorosamente na terra com o seu tridente e imediatamente surgiu uma fonte de água, mas tratava-se de água marinha salgada, e, portanto, de pouca utilidade para a população. Atena então se apresentou, bateu com sua lança no solo e então se ajoelhou e plantou um ramo de oliveira, criando a árvore como o símbolo da paz e da prosperidade. Diante do povo, chamou a árvore de oliveira, ensinou como extrair o seu óleo e preparar o fruto como alimento. A cidade entendeu que a oliveira era mais importante para a cidade, e acabou tornando-se seu símbolo.

E Aldemir também é símbolo. Símbolo do povo batalhador das cidades, símbolo de uma intelectualidade comprometida socialmente, um amazônida com orgulho e com paixão.

OLIVEIRA

Em certo momento de sua tese, fala que no horizonte da paisagem amazônica, não conseguimos distinguir o azul do céu com o azul dos imensos rios. E talvez assim também ele seja. Não conseguimos distinguir o Aldemir professor, pois a todo momento ele está a ensinar. Não conseguimos distinguir o Aldemir amigo, pois está sempre a amar, confortar e dar conselhos. Ele é uma totalidade.

Sua presença se constituiu nos textos e nos alunos que formou. Nos admiradores que cultivou. Quem não foi seu aluno em algum momento na vida, durante qualquer minuto de convivência?

Como a cidade, José Aldemir apenas se transforma.

Obrigado, professor.